

DESCOOLA



**ATIVIDADES CRIATIVAS
PARA ALUNOS
E PROFESSORES
2018-2019**



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

EGEAC

A aposta numa oferta cultural diversificada de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida é determinante para a efetivação do acesso à cultura, para o enraizamento de hábitos culturais desde a infância e para o desenvolvimento e consolidação dos direitos culturais.

Em Lisboa, os serviços e programas educativos do Pelouro da Cultura - Direção Municipal de Cultura (DMC) e EGEAC - são por excelência as estruturas de proximidade que estabelecem a ponte entre as diferentes dimensões culturais do município e a comunidade, através da concretização de atividades de mediação cultural que procuram garantir essa aprendizagem livre e esclarecida. Por se reconhecer a importância do seu trabalho, iniciou-se, em 2014, um processo articulado e continuado de requalificação e questionamento de práticas e métodos de trabalho, que tem vindo a envolver a totalidade dos equipamentos e serviços do diversificado universo cultural municipal.

É neste contexto que surge o programa DESCOLA, com a missão de explorar as potencialidades do património cultural e artístico de Lisboa, pois acreditamos no poder transformador da Cultura e no seu contributo para a formação de seres humanos criativos, livres, responsáveis, com apurado sentido crítico, conscientes do seu papel na cidade, no país e no mundo.

Pretende-se assim, disponibilizar aos professores e às escolas, do pré-escolar ao secundário, uma oferta cultural integrada com abrangência territorial à escala da cidade, que ajude a responder aos desafios da Cultura e da Educação no século XXI.

Catarina Vaz Pinto
Vereadora da Cultura

Descolar é...

Aprender durante toda a vida

A Educação ao Longo da Vida é uma dimensão incontornável da sociedade contemporânea que promove, reconhece e dá visibilidade às aprendizagens que ocorrem tanto dentro como fora da escola. Assim, as dinâmicas de aprendizagem que acontecem em contextos tão diversos como escolas, museus, bibliotecas ou monumentos, em torno de projetos de natureza artística e cultural, são verdadeiros motores de desenvolvimento pessoal e social, ancorados numa multiplicidade de conhecimentos, que integram e articulam os saberes formais e não formais com os saberes da experiência da vida. Esta articulação é deveras relevante porque a informação só se transforma em conhecimento quando é devidamente apropriada e o conhecimento só se torna ação quando há a capacidade de o mobilizar para a intervenção em contextos concretos.

Desafiar para o Perfil do Aluno

As atuais orientações políticas para a educação básica e secundária apontam a necessidade de aquisição de um conjunto de competências-chave no final da escolaridade obrigatória. Estas competências, descritas no Perfil do Aluno do séc. XXI, implicam a construção finalizada, contextualizada e integrativa de conhecimentos, capacidades e atitudes, ancoradas em valores humanistas e de desenvolvimento sustentável. A prossecução destas competências – transversais a várias áreas de saber – interpelam o sistema educativo e os modelos pedagógicos tradicionais, exigindo mudanças nas práticas e nos dispositivos com que se pensa e se faz edu-

cação, potenciado por dinâmicas criativas e participativas, dentro e fora da escola, evidenciando a necessidade de construção de novas relações e parcerias com a comunidade.

Educar na cidade de Lisboa

Reforçando a ideia de que se aprende a viver em sociedade na sociedade, através das relações que se estabelecem com os outros, com os espaços e com as coisas, Lisboa, signatária da Carta das Cidades Educadoras¹, assumiu o compromisso de “prever uma política educativa ampla, com carácter transversal e inovador, compreendendo todas as modalidades de educação formal, não formal e informal, assim como as diferentes manifestações culturais, fontes de informação e vias de descoberta da realidade que se produzem na cidade.”

Nesse sentido, a exploração educativa e pedagógica das potencialidades do património cultural e artístico de Lisboa, cidade do mundo e no mundo, constitui-se hoje como uma questão incontornável. Neste quadro, assumem particular importância tanto os equipamentos culturais municipais como a ação educativa das equipas que neles trabalham.

Conscientes desse potencial, os serviços educativos do município de Lisboa deram início a um plano de ação conjunto para reforçar o seu papel como recursos pedagógicos para a educação de infância e dos ensinos básico e secundário, numa lógica de colaboração e complementaridade entre os conteúdos patrimoniais e os conteúdos curriculares.

¹ AICE, 1990

Promover aprendizagens criativas

A relação entre o que se ensina e o que se aprende em nada é óbvia ou previsível. De facto, ao longo da vida, são muitas as aprendizagens que se constroem sem que haja ensino explícito. Já o ensino, para o ser, exige aprendizagem.

Nos contextos formais de educação – de que a escola e a universidade são o exemplo mais acabado – esta relação entre o que se ensina e o que se aprende sofre várias operações:

- de **verificação** – através de testes, escalas, provas orais e outras;
- de **redução** – no esforço de síntese sobre o que deve ser aprendido, por área do saber e em cada fase da vida ou nível de ensino, em cada manual de disciplina ou no planeamento do ano letivo;

- de **tradução** – da linguagem do conhecer para a do ensinar, da linguagem matemática para a explicitação do raciocínio em esquemas ou em palavras, da poesia para a prosa que a explica, da hipótese para a resposta certa.

O novo Perfil do Aluno assume esta complexidade do ensinar e aprender, configurando-se como um referencial que integra e permite um novo olhar face às inúmeras aprendizagens de natureza disciplinar que caracterizam os percursos de escolarização em Portugal. Esta abordagem coloca saberes disciplinares em relação com a vida quotidiana, valores, outras disciplinas e problemáticas, diferentes contextos e níveis de educação. Mais do que respostas e afirmações, a relevância deste documento está na oportunidade de

Será que ensinamos com vista à construção de uma sociedade mais justa, como estabelece um dos princípios previstos no Perfil do Aluno?

interrogar as práticas, rotinas e rituais de escolarização.

E as perguntas que faz são perguntas difíceis, urgentes, sem resposta única, nem fórmula pronta a aplicar. É nelas que devemos concentrar os nossos esforços de pesquisa, de experimentação e ensaio de novas abordagens, procurando ampliar o nosso leque de ferramentas e estratégias pedagógicas. Com elas a tarefa de educar

com vista à superação de dificuldades, obstáculos e inibições nunca está terminada. Transformar as inibições em sentimentos de competência, aptidão e reconhecimento de si, enquanto ser humano capaz e situado no mundo, é uma tarefa tão estimulante e revigorante, quanto árdua e impossível de ser concretizada por uma pessoa singular ou por instituições isoladas.

Como se ensina para que se aprenda a transformar a informação em conhecimento, desde o 1.º ao 12.º ano de escolaridade obrigatória, conforme estabelecem as competências de informação e comunicação?

O que fazemos para ensinar Português (ou Matemática, ou História, ou Educação Físico-motora) de modo a que as/os alunos aprendam a utilizar e criar produtos linguísticos, literários, musicais, artísticos, tecnológicos, matemáticos e científicos (um dos descritores operativos da área de competências linguagens e textos)?

Em que medida, na escola que temos, as/os alunos têm oportunidade de desenvolver ideias e projetos criativos, recorrendo à imaginação, inventividade, desenvoltura e flexibilidade, assumindo riscos para imaginar além do conhecimento existente, conforme se prevê na área de competências pensamento crítico e pensamento criativo?

Ativar o espaço público da educação

A consciência da dimensão da tarefa de educar implica olhar para além da escola e procurar respostas ancoradas na colaboração e na certeza de que educar para a competência, entendida como aprendizagem significativa, exige ativar o espaço público de educação.

Neste sentido, as equipas dos diversos equipamentos e serviços culturais municipais de Lisboa estiveram envolvidas, ao longo do último ano, num trabalho de reflexão, adaptação, reconstrução e seleção da sua oferta educativa, de modo a poderem colaborar com as escolas na concretização do Perfil do Aluno.

Nas escolas, a criação recente do Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular² poderá ser uma oportunidade para valorizar este trabalho colaborativo com equipamentos e serviços culturais municipais. Trata-se de assumir como princípio orientador que as artes, a ciência e a tecnologia, o desporto e as humanidades são componentes estruturantes da matriz curricular do ensino obrigatório, bem como da educação pré-escolar, contribuindo para a formação global – que engloba a cidadania e a democracia – de crianças, jovens e adultos.

² Despacho 5908/2017

Trabalhar colaborativamente

No quadro do atual paradigma de educação faz sentido estimular o diálogo entre mediadores culturais, artistas, alunos e professores, com o objetivo principal de contribuir para o enriquecimento dos processos educativos.

Trata-se assim, e à luz do Perfil do Aluno, de permitir que os alunos tenham acesso a experiências que conduzam ao desenvolvimento de competências-chave transdisciplinares (a criatividade, o sentido crítico, o trabalho em equipa, entre outras) e à coconstrução dos conhecimentos previstos nos currículos escolares.

De igual forma, estimula-se o surgimento de comunidades de aprendizagem em que mediadores dos equipamentos culturais, artistas e professores, reinventam modos de pensar e fazer a educação articulando dinâmicas de aprendizagem em contextos formais, não-formais e informais que permitam (re)ligar os saberes – escolares, científicos, culturais e artísticos – com os da experiência e da vida.

Sendo particularmente oportunas na atual conjuntura, estas dinâmicas não deixam de colocar desafios aos diferentes intervenientes:

- Para as **equipas educativas** dos vários equipamentos culturais da Câmara Municipal de Lisboa pela necessidade de repensar e reconfigurar as atividades

Uma sociedade que se diz do conhecimento tem de criar redes e instituições que, para além da escola, se ocupem da formação, da cultura, da ciência, da arte e do desporto. Estou a pensar no que tenho designado por espaço público da educação, um espaço que integra a escola como um dos seus pólos principais, mas que é ocupado por uma diversidade de outras instâncias familiares e sociais.

para alunos com os professores, redeseñando e intensificando a relação com as escolas e valorizando o património cultural da cidade de Lisboa;

- Para os **artistas** pela criação de atividades educativas em colaboração com os serviços educativos e com os professores, potenciando o diálogo entre artes, cultura e educação, e religando saberes formais e não-formais com experiências vivenciadas;
- Para os **professores** pela participação num processo que articula os contextos educativos formais, não-formais e informais em benefício do desenvolvimento dos alunos, e pela oportunidade de trabalhar num registo de transdisciplinaridade e de proximidade com os recursos culturais, artísticos e criativos da cidade de Lisboa.
- Para as **escolas** pela oportunidade de desenvolver a respetiva autonomia curricular e pedagógica através de projetos em colaboração com outros atores e instituições.

Uma abordagem transversal ao conhecimento, aos espaços e aos agentes de aprendizagem pressupõe também uma intervenção transversal no dia-a-dia da nossa prática profissional. Levando a sério a aprendizagem ao longo da vida, há que repensar os nossos modos de fazer e ampliar os nossos recursos educativos, seja dos professores, seja dos mediadores. Desta forma, pensando-os enquanto autores das suas aulas, das visitas ou de outros eventos pedagógicos, surge o desafio de reinventar as formas de contar a mesma história, numa atualização constante de referências e abordagens. Igualmente importante neste contexto, e se estamos empenhados em constituir comunidades de aprendizagem, é dar atenção redobrada às responsabilidades de comunicação e à partilha de experiências. Finalmente, neste processo, é essencial não descuidar a monitorização e a avaliação do trabalho realizado com o propósito de afinar processos e acrescentar valências para o futuro.

São estes os desafios que assumimos **para descolar** com os olhos postos numa causa comum que ganha força e visibilidade porque estamos nela em conjunto.